

DF - Brasília

Os candidatos e FHC

14 NOV 1994

Gilberto Pauletti

Amanhã, os brasilienses terão a segunda oportunidade de escolher seu novo governador. Independentemente da escolha, o que importa é a política administrativa do futuro governante do Distrito Federal.

O Brasil inteiro quer experimentar um novo tempo, como se fosse uma nova oportunidade para reorganizar suas instituições, limpá-las de suas impurezas e voltar a ter uma perspectiva de longo prazo.

No caso específico de Brasília, duas novas administrações vão conviver. Uma já definida, quando o País escolheu o senador Fernando Henrique Cardoso como o novo Presidente.

A outra, com influência mais direta na vida desta cidade e redondezas, bastante dependente daquela. E, parece, seja qual for o vencedor, uma gestão não muito próxima dos princípios que deverão nortear o governo de FHC.

Tanto o candidato Valmir Campelo, herdeiro de estilo populista do governador Joaquim Roriz, como o candidato Cristovam Buarque, petista comprometido com teses corporativistas do partido, estão longe dos princípios de Fernando Henrique Cardoso.

O enxugamento da máquina administrativa é tão antipático aos partidários de Cristovam, quanto a política assistencialista de Roriz (e seu candidato tem a mesma visão) é do novo presidente da República.

Por isso, os eleitores de Brasília devem estar conscientes de que sua escolha será em função do que um desses dois candidatos tem de melhor a oferecer no comando do DF, e não pela aproximação de idéias ou princípios políticos com o novo presidente da República.

Isso, certamente, não é bom. Pois, para uma cidade - e aqui se compreende todas elas reunidas sob a capa de um distrito federal, cujo orçamento é quase uma mesada de pai para filho, maior identidade política seria mais in-

teressante.

Não deixará, no entanto, de ser uma experiência da qual tiraremos algumas lições. Vamos conviver com um comando em que o emprego público será defendido com unhas e dentes, ou com uma liderança que tende a distribuir lotes como solução para um problema social.

Comenta-se, com poucas chances de comprovação, que Fernando Henrique torce, realmente, pela vitória de Cristovam. Isto é, mesmo longe, sua distância em relação ao candidato do PT seria inferior àquela de Valmir.

Mesmo assim, isso não significa muito. Os efeitos de uma grande reforma administrativa na gestão de FHC deverão ser sentidos, em primeiro lugar, aqui na capital, embora seja o Rio a cidade com o maior número de funcionários públicos federais. Principalmente, se a estabilidade do emprego cair por terra.

Com o DF nas mãos de Cristovam, uma situação constrangedora estaria se criando no relacionamento entre os dois governos. Se, ao contrário, Valmir estiver no governo, e uma ação federal efetiva existir nas cidades-satélites, o resultado será o fim do voto clientela.

Ou seja, essas populações não terão mais por que se entusiasmarem com os discursos demagógicos, que dão a impressão de ser um lote capaz de resolver todos os males de suas vidas.

Em ambos os casos a convivência mostrará abalos. E os brasilienses vão sentir os tremores. Por isso, a eleição de amanhã, no Distrito Federal, é uma escolha completamente diferente das outras.

O eleitor não pode se deixar levar por discursos que garantam uma qualidade de administração baseada na identidade do candidato com o governo de Fernando Henrique. Ela não existe por parte de nenhum dos dois postulantes ao cargo de governador do Distrito Federal.

CORRIGIDO DE VALMIR CAMPLO